

Do recente ao mais recente

QUALQUER discussão, hoje, da estrutura social brasileira e de suas transformações seria ociosa em termos puramente acadêmicos. O que importa cada vez mais não é o confronto de classes no sentido convencional, mas a constante formação e reformação de camadas provocadas a todo momento pela política econômica e a disputa que se trava entre elas por bens e serviços numa economia de escassez. Tudo subordinado a uma identificação cada vez maior entre sociedade civil e mercado, que submete os destinos da primeira a esse deus invisível.

A escalada da urbanização, desde os anos 50, na qual a industrialização é, ao mesmo tempo, causa e efeito, constitui fenômeno sem precedentes. Tem a força de uma crise de crescimento. Em poucos decênios, milhões de indivíduos transferem-se para as cidades em busca de escola, emprego, hospital e ar livre. Crescem as categorias do assalariado urbano, sobretudo na faixa dos serviços — mais do que na indústria — e, nesta, as camadas da manualidade, da semiquificação e das múltiplas combinações do biscate com o salário.

Mas o que cresce, de fato, sobretudo, a partir de 1964, é uma classe média urbana que se compensa de longos atrasos e servidões históricas devidas ao latifúndio e à escravidão, à monocultura agrícola — tripé fatídico que nos prendeu por muito tempo a uma sociedade pré-industrial e mercantilista, resistente às enzimas do desenvolvimento.

As camadas médias costumam ser

impõe-se uma periodização e uma qualificação do que se chama "recente". Os períodos censitários nos dão uma baliza fácil. Entre 1970 e 80, as forças dominantes na estrutura, mais madrinhas que madrastras, fizeram-se presentes nas altas taxas de crescimento econômico. Foi o milagre. É verdade que acompanhando de forte concentração de renda, sobretudo nas cidades, acelerando a transferência de mão-de-obra do setor agrícola para as atividades urbanas e obrigando os empresários no campo a recorrer, sobretudo depois de uma legislação social desastrosa, ao trabalho temporário, ao bóia-fria.

A urbanização a galope levou à favelização, ao descompasso entre a concentração humana e os serviços oferecidos à população — água, esgoto, luz elétrica, segurança. A falta dessas essencialidades, para não falar nas amenidades, é geral.

Nesses anos de triunfalismo econômico, notou-se, contudo, um crescimento promissor na população economicamente ativa e até no ritmo de criação de empregos. Houve também, segundo tudo indica, uma redução nos índices de pobreza absoluta. Pelo menos no campo, onde os pobres, em vez de optar pelo banditismo e a guerrilha, como em outras regiões do mundo, preferiram a migração maciça. Hoje, numa escalada sensível, reagem nas cidades, pelas invasões e os saques dirigidos.

Essa evasão do campo e das tarefas agrícolas arrasta por igual minifundiários, sítiantes e trabalhadores braçais, deixando no seu rastro velhos e crianças. Relegadas ao museu das extravagâncias as

Essa ambigüidade imposta pela economia inflacionária instaura na vida brasileira uma corrupção interna, amolece nosso caráter, faz-nos bambos, indecisos, inautênticos.



ro da revolução da informática no mundo empresarial e no serviço público. De modo menos feliz, a mesma camada exprimiu-se politicamente na variedade do tecnocrata, vicejante nas solidões de Brasília e nos paços do poder militar, tipo no qual a esquerda logo identificou um dos elementos do Sistema — com maiúscula, tradução perra do establishment dos radicais do hemisfério norte.

A Sociedade brasileira parecia caminhar a passos largos no sentido que Weber havia previsto para o Ocidente — para uma regulamentação dos seus relacionamentos que chamara, sem sentido pejorativo, burocratização, ou seja, uma racionalização crescente. A camada média é a protagonista dos melhores vencimentos nos cargos públicos de assessoramento dos altos escalões, nos quais influi pela tecnocracia; mas ainda pela ascensão às funções gerenciais e executivas das empresas e pela própria expansão de uma camada gerencial. Esses avanços eram consolidados por um arcabouço institucional que passou a sedimentar o mercado financeiro, os mecanismos de poupança e empréstimo, a expansão do crédito, os programas previdenciários e sociais, carreando para as faixas urbanas grande volume de haveres monetários e quase-monetários.

Essa caminhada ascensional levou, no entanto, as camadas médias a se solidarizarem, unha e carne, com a inflação implícita na própria expansão da base monetária.

Abre-se, dessa forma, o recentíssimo e mal nascido decênio de 80. A carne é o câncer. A amputação de emergência, manejada por peritos doutores, corta ambos. Cai o PIB a níveis negativos.

da contra o credor externo, por que pagar ao doméstico? Contrariam tal doutrina padrões de conduta tradicionais numa classe que timbrava em pagar as contas em dia, ponto de honra, sua vivência própria.

Todos somos formalmente contrários à inflação; mas todos sem discrepâncias apostamos nela. Amanhecemos de olho no jornal para vigiar a correção monetária, carpi-la se inquilinos, vivá-la se proprietários. Clamamos contra a alta dos preços, mas protestamos, fazemos greve e passeatas por melhores salários. Acontece que as categorias econômicas só se encontram puras nos textos. Na vida corrente, somos, ao mesmo tempo, devedores e credores, mão e contra-mão, oferta e demanda. As contradições da economia cortam na carne de cada um, fazendo de nós seres eticamente divididos.

Essa ambigüidade imposta pela economia inflacionária instaura na vida brasileira uma corrupção interna, amolece nosso caráter, faz-nos bambos, indecisos, inautênticos. A inflação, desvalorizando a moeda, fraudando o trabalho, justificando o dolo e reforma a seu modo a sociedade, subvertendo-lhe as camadas.

TUDO isso atinge com impacto certo a classe por excelência geradora de empresas e empregos. Pode-se falar de uma classe média doente e até numa falsa classe média, que mantém a casca do status sem o correspondente miolo da renda. De rala e fraca formação religiosa, embalada no consumismo fácil, lança-se sôfrega ao culto do bagulho, à importação de hábitos discutíveis, à nova linguagem de uma classe que se manifesta de

As camadas médias costumam ser precisamente o veículo do que se costuma entender hoje por modernização, seja tecnológica ou política. Tocqueville, no século XIX, definiu-a como a conquista da igualdade de condições, processo, no seu entender, dominante e irreversível nas sociedades ocidentais. Comporta, no entanto, duas faces — a distribuição por igual do quinhão da renda, reduzindo ao mesmo tempo pobres e ricos e minoriais sem expressão; e a larga abertura de oportunidades, de acesso e bens e serviços sociais através de emprego e, sobretudo, através da igualdade perante a lei.

Enquanto um igualitarismo delirante ainda se obstina em promover o nivelamento social pela estatização, a tônica vai se deslocando, nas sociedades avançadas, resolvidos os problemas distributivos, para a segunda forma de igualdade. No Brasil não parece termos caminhado nem num sentido nem noutra, já que, percorrida longa jornada desenvolvimentista, chegamos a 1980 com um terço da população economicamente ativa na faixa precipitosa de um salário mínimo e cerca de 80% na de dois salários. Quanto à igualdade perante a lei, mantidos os ligamentos da velha sociedade clientelística e fora do preceito constitucional — nem falar.

Tudo isso é de ontem e de hoje; mas para ver mais de perto o que acontece

gadas ao museu das extravagâncias as tentativas de reforma agrária dos primeiros anos do Governo Revolucionário, a agricultura se vê confinada à *plantation* proletarizante, voltada para a exportação. Numa época de fome generalizada e de ávida demanda de alimentos, deixamos perder mais uma vez essa grande oportunidade de sermos, ainda que em escala modesta, um dos grandes fornecedores mundiais.

ENQUANTO minguava o campo, cresciam as cidades. É claro que políticas previdenciárias e programas sociais cobriram imperfeitamente essa população, mas absorveram recursos cada vez maiores e elevaram o nível de vida e o poder aquisitivo nominal nas cidades em relação ao campo.

É, no entanto, a classe média — ou pelo menos algumas das camadas que integram esse mundo heterogêneo — que mais parece lucrar, nesse período, com as mudanças e alentos econômicos.

Essas camadas — médias, mas oventes — nas quais a formação profissional torna-se o elemento gerador por excelência do *status*, deram à luz o tipo social altamente prestigiado do executivo que, unido da calculadora de bolso (importada) e da pastinha 007, tornou-se o arauto do evangelho sistêmico e o pionei-



canos. A ampliação de emergência, manejada por peritos doutores, corta ambos. Cai o PIB a níveis negativos, fraqueja o ritmo de criação de empregos, aumenta o desemprego, punem-se, por igual, empresários e empregados, justos e pecadores. Dois grandes programas públicos de fim social entram em colapso, a habitação e a previdência, e apenas sobrevivem de ginásticas financeiras. Tão grande a crise nas instituições previdenciárias que alguém não hesitou, na emergência, em bater às portas da economia negra, apelando para o jogo do bicho.

Os sintomas de deterioração nos estratos de baixa renda, por seu lado, são patentes nos índices de mortalidade infantil, no precário estado da saúde pública e do saneamento básico — que nos valeu um pito recente da OMS — na evasão escolar, no precário funcionamento do sistema médico-hospitalar, sobretudo no setor previdenciário, na expansão das periferias urbanas, na insegurança generalizada.

A queda nos juros das cadernetas e a elevação das taxas dos financiamentos imobiliários, sem proporção com a alta dos aluguéis, soam como dobre fúnebre para a classe média. O endividamento geral da sociedade, do país com o estrangeiro, do particular com o Estado ameaça tragá-la. Pela primeira vez, a inadimplência, a infração contratual, o vulgar calote começam a generalizar-se. Se preconiza-

sófreja ao culto do bagulho, à importação de hábitos discutíveis, à nova linguagem. O vandalismo, manifestação de repulsa e desencanto, leva-a tanto à pichação de paredes como à quebra de padrões lingüísticos e protocolos sociais. Chama-se a isso — na nova parlança — desmitificação.

Na botica do sociólogo, tido como ave de mau agouro, não há panacéias. Mas é fácil concluir que, sem a restauração da verdade, sobretudo, da moeda, não pode haver retomada econômica. Sem o incentivo do salário adequado que nasce principalmente, por natural reflexo, da moeda justa, não há qualificação de mão-de-obra nas proporções maciças de que carecemos. E sem a desestatização da economia não se imagina o fim do paternalismo que rege ainda as relações entre empresários e trabalhadores e bloqueia a livre negociação de salários. Ao contrário do que supunha Max Weber, no caso brasileiro, o caminho, talvez, para maior e autêntica participação popular, é a desburocratização, desde que não encarada como mera supressão de papéis e exigências formais, mas levada, com seriedade e austeridade, a termos de profunda cirurgia institucional.

JOSÉ ARTHUR RIOS

Sociólogo, professor da Faculdade de Direito da UFRJ

Essa ambigüidade imposta pela economia inflacionária instaura na vida brasileira uma corrupção interna, amolece nosso caráter, faz-nos bambos, indecisos, inautênticos.

Ciro

